A poesia de Guilhermino Cesar e a presença do outro: questões surgidas na segunda metade do século XX

Vivian Ighes Albertoni da Silva*

Resumo:

As décadas de sessenta e setenta do século XX foram marcadas pelas teorias da Comunicação, que pretendiam alcançar a integração total do planeta através da informação, sem considerar particularidades culturais. Em 1977, Guilhermino Cesar lançou "Sistema do Imperfeito & Outros Poemas", obra na qual podemos perceber a preocupação com questões surgidas desta "revolução comunicativa", como as relações do ser humano com a Informática, da Lingüística com o processo de tradução, e da influência externa sobre a cultura brasileira.

Guilhermino Cesar nasceu em Eugenópolis, Minas Gerais, em 1908. Participou do Movimento Modernista, foi professor universitário – recebendo, inclusive, títulos como o de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra e de Professor Emérito da UFRGS –, crítico, poeta, jornalista e historiador.

A sensibilidade histórica de Guilhermino, que lhe permitia enxergar e selecionar os traços que formavam os complexos desenhos históricos de determinadas épocas, também aparece em sua poesia. Nesse livro de poemas de 1977, *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*, podemos encontrar reflexões sobre as transformações culturais dos anos 60 e 70 espalhadas por vários textos. Vamos começar por este, que nos parece exemplar para ilustrar nossas afirmações.

Súplica

não-senso da palavra
dou-te a palavra e o senso dá-se
à palavra doce com o agro
que nos damos

foi-se o equilíbrio
na cibernética impassível

* Este trabalho faz parte do projeto de Iniciação Científica chamado Projeto Acervo Guilhermino Cesar, sob orientação da professora Maria do Carmo Campos, subsidiado pela FAPERGS e vinculado ao Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino Cesar, do Instituto de Letras da UFRGS.

estamos
 acorrentados ao possível
 oh moscas de Sartre

que arte
 em Paris ou confins
 da Escandinávia
 nos faria iberos – quero dizer
 nos faria fidalgos no império onde nascemos
 de tanga?

traga, Chomsky,
 a Praga – Roman Jakobson
 no ápice da palavra.

Na primeira estrofe do poema temos uma referência ao poder poético da palavra, que não permite uma só interpretação, abre-se em diversos significados. Assim, uma palavra lançada do escritor para o leitor, através do texto poético, está presa às conexões que os outros elementos do texto sugerem mas, ao mesmo tempo, é “livre” para significar coisas diferentes para leitores diferentes.

Na segunda estrofe temos um dado importantíssimo: a referência à “perda do equilíbrio” pela “cibernética impassível”. A Cibernética foi a disciplina surgida do estudo da linguagem e das mensagens tanto em seres vivos quanto em autômatos, logo após a Segunda Guerra Mundial. Um dos conceitos básicos da Cibernética é o de entropia, isto é, da tendência que todo o Universo tem a ser caótico. Dentro do Universo, apenas duas figuras surgem como sistemas com organização, com regras internas que lhes garantem o funcionamento e a estabilidade: essas figuras são os seres vivos e as máquinas.

Mas como se pode perder o equilíbrio por causa da Cibernética, se ela tem uma postura rigidamente científica, que deveria oferecer segurança, ao contrário da “nebulosa” subjetividade poética? A questão é que a Cibernética encara o ser humano e a máquina como coisas muito parecidas. Os teóricos da Cibernética propõem uma comparação entre homem e máquina que ressalta os pontos em comum; a lírica de Guilhermino Cesar, no entanto, é uma crítica contundente a essa aproximação.

Versos como “o estômago azedo do infalível computador” (do poema deste mesmo livro chamado *Animal do Tarde*), já nos mostram a conexão entre infalibilidade e azedume. Temos algo mais direto em outro poema, chamado *Ode à Comunicação*, em que o trecho que vamos ler questiona o valor da regularidade e da mecanização, no ser humano:

(...)
 Querem que façamos, abaixo dos sapos,
 o discurso sem solda, sem ímpeto, sem lume,
 querem que sejamos *o computador da neutralidade*,
 túmulo de sons inarticulados que ninguém penetre

completamente; (...)

Guilhermino nega a máquina como modelo a ser seguido pelo ser humano, e o faz de diversas maneiras: por exemplo, intitula o livro de “Sistemas do *Imperfeito*”, lembrando-nos de que o ser humano é um todo complexo e irregular – em oposição ao caráter lógico e equilibrado de que a máquina necessita para funcionar. A segunda estrofe de *Súplica* traz ainda a citação de Sartre, o filósofo existencialista, que defendia a individualidade, e que na peça “As moscas” fala do valor da responsabilidade e da iniciativa pessoais – o que contrasta fortemente com idéias de semelhança dos homens com as máquinas, visto que elas são previsíveis (só não são quando estão com algum defeito). Já o ser humano sem voz, vontade e iniciativa não passa, na bela metáfora de Guilhermino, de um “túmulo de sons”.

A terceira estrofe de “Súplica” parece mudar completamente de assunto, e trazer o centro da discussão para o *nós*, perguntando se seria possível que algo vindo de fora – seja de Paris, seja dos confins da Escandinávia, seja da Península Ibérica, pudesse se sobrepor ao que somos. A questão é: o Brasil é um país culturalmente nulo, cuja arte é resultado de um início ibérico e uma sobrevivência baseada na cópia de padrões europeus?

A última estrofe do poema nos remete à questão lingüística, ao citar Chomsky e Jakobson. Vamos nos deter neste último.

Foi no Círculo Lingüístico de Praga, fundado em 1926, que Jakobson desenvolveu sua teoria sobre a função poética da palavra – aquela capacidade de abrir-se em diversos significados, à qual nos referimos quando comentamos a primeira estrofe deste poema. Jakobson era um lingüista estruturalista – isso pode ser facilmente lembrado pelo fato de que ele aparece lado a lado com o pensador de outra corrente lingüística forte nesse século, Chomsky. Podemos então dar uma olhada na teoria estruturalista da linguagem, pois ela pode nos sugerir uma resposta para aquela pergunta sobre a arte brasileira que deixamos no ar há pouco, quando comentávamos a terceira estrofe.

O estruturalismo saussureano vê cada língua como um sistema em que as palavras se definem umas em relação às outras, graças a uma determinada maneira de encarar e dividir o mundo. Por exemplo, falantes do português têm facilidade para perceber que há uma diferença semântica, como José Saramago comentou em um de seus romances, entre “ver”, “olhar” e “observar”. Em outras línguas, é possível que uma diferença como essa não exista, ou que existam mais diferenças, ou que seja outra espécie de diferença; de qualquer forma, falar um idioma é ter determinada maneira de encarar o mundo, de pensá-lo. Algumas teorias do conhecimento afirmam que toda a nossa maneira de pensar está subordinada às estruturas do nosso idioma, até porque pensamos *através* de um idioma. Vejamos o que nos diz George Steiner sobre isso:

Estamos lidando, como expõe a hipótese de Sapir-Whorf, com uma situação em que cada uma

das talvez 4 mil línguas hoje em uso na terra exprime uma segmentação da realidade específica e em última instância irreduzível? Línguas diferentes são modos radicalmente diversos de estruturação e experimentação da realidade? Nesse caso, mesmo a melhor das traduções é uma espécie de aproximação mimética ou transferência ilusória.

(pág. 142)

Voltando à nossa pergunta, podemos então dizer que é absurdo falar em uma cultura que “copia” outra. Se qualquer palavra que passa de uma língua para outra tem que ser, necessariamente, interpretada – e isso já a torna outra palavra – imagine-se então as “idéias” de um povo, de uma cultura, quantas alterações não sofrem, ao serem traduzidas.

Na década de 60 temos ainda o americano Marshall McLuhan, que propõe a comunicação como valor máximo para a sociedade. No entanto, ele entendia comunicação como algo muito próximo do diálogo face a face; assim, ele considerava qualquer conversa telefônica potencialmente mais comunicativa que qualquer palavra escrita. Ele ignorava justamente a complexidade envolvida no ato de ler – que, de alguma forma, tem a mesma complexidade do processo de tradução, só que feita dentro da própria língua, pelo leitor.

Traduzir, como já vimos, está bem mais próximo de “interpretar” do que de “copiar”. Essa complexidade já está destacada no início do poema *Súplica*, pois a primeira estrofe é toda dedicada a essa questão da poética da palavra. É como se o processo de leitura e interpretação envolvesse universos culturais que vão englobando uns aos outros: do universo pessoal de cada leitor ao universo em comum dos falantes de um mesmo idioma, passando por outras variantes, como a do conjunto dos compatriotas, por exemplo.

Os criadores de softwares têm investido arduamente, há anos, para criar um programa que permita que os computadores realmente “entendam” a fala humana. O uso que fazemos da linguagem, no entanto, é muito sofisticado, e as máquinas têm feito avanços lentíssimos. A linguagem é apontada, aliás, por Guilhermino, no poema *Animal do Tarde*, como o grande diferencial entre o homem e os outros animais. A Cibernética acreditaria que, graças às semelhanças entre homens e máquinas, um dia os computadores seriam capazes de fazer o que nós fazemos – assim como nós poderíamos imitá-los, em determinados aspectos; no entanto, ao fiar-se nisso, ela estaria não só se dispondo a encarar obstáculos que parecem intransponíveis, mas a buscar algo extremamente indesejável.

A lírica de Guilhermino Cesar provoca – através de todo o *Sistema do Imperfeito*, mas também de maneira condensada, em poemas muito significativos – a reflexão pessoal de cada um de seus leitores que, independente de serem seus contemporâneos ou não, podem ser levados a fazer determinadas relações. Assim, traços que parecem muito distantes entre si – como as teorias da Comunicação de Marshall McLuhan, o trabalho do lingüista Jakobson, o existencialismo de Sartre, as teorias da Cibernética, a velha discussão sobre o valor e a originalidade da cultura brasileira – são reorganizados por Guilhermino César dentro do poema *Súplica*, formando um quadro a partir de fragmentos da realidade histórica que o rodeava nos anos 60 e 70, enfocando principalmente a relação homem-máquina, assunto, aliás, de inegável atualidade.

Antes de encerrar este trabalho, vamos ver mais um poema de Guilhermino César, que nos remete também a essa relação entre as máquinas e os seres humanos.

O Sangue no Plástico

Ora bem, o plástico
tem o império da geometria,
tem sua própria ciência do raro.
Quer um tempo, outro,
no impassível do espaço.
Quieto, sem nervos, sem cheiro, domado.

Não adianta pedir-lhe
a seiva, o aroma;
despreza o pão,
não se entenece nunca,
repele aqueles lábios.

Não adianta injetar-lhe
o sangue do homem.

Mais uma vez temos a postura extremamente crítica da voz que surge do poema, dessa vez afirmando categoricamente a impossibilidade de que uma máquina possa um dia vir a agir como um ser humano, sob qualquer ponto-de-vista. Se encarmos o sangue como uma metáfora da linguagem, teremos então esses dois últimos belos versos “Não adianta injetar-lhe/o sangue do homem.” como um lembrete aos que apostam na humanização da máquina através da captação da capacidade humana para a fala.

Este poema, ao descrever o plástico, ressalta ainda mais as diferenças entre homens e máquinas, e soa como uma verdadeira conclusão do pensamento sobre o ser humano que Guilhermino Cesar expressa neste livro, se comparado ao que já vimos antes: somos uma raça de seres instáveis, diferentes de tudo o mais que há, com uma complexidade formidável – como bem demonstram os dificultosos avanços da Lingüística e da Psicanálise. Isso é perturbador, sem dúvida, mas é preciso pensar

muito bem antes de tecermos elogios inquestionáveis a uma suposta superioridade da máquina, que pode parecer muito mais “tranquila”. Guilhermino nos mostra que essa forma de “acomodação” e previsibilidade mecânicas não são coisas tão desejáveis de ser copiadas, assim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CESAR, Guilhermino (1977). *Sistema do Imperfeito & Outros Poemas*. Porto Alegre, Globo.
- McLUHAN, Marshal (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem: understanding media*. São Paulo, Cultrix.
- SARTRE, Jean Paul (1955). Las moscas. In *Teatro: Jean-Paul Sartre*. Buenos Aires, Losada.
- STEINER, George (1990). *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo, Companhia das Letras.
- WIENER, Norbert (1954). *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo, Cultrix.